

O sotaque capixaba: um estudo de percepção

The capixaba accent: a study of perception

Leila Maria Tesch¹

Resumo: Desde os anos 2000, realizamos pesquisas variacionistas com o objetivo de descrever e analisar a fala de pessoas nascidas e residentes em Vitória, capital do Espírito Santo, no projeto “Português falado na cidade de Vitória” (PortVix) (cf. YACOVENCO *et al.*, 2012). Contudo, ainda há muitas inquietações em relação à identificação de traços identitários dos capixabas. A pergunta diante desse cenário é: você reconhece um capixaba pela sua fala? Para responder a essa questão, realizamos um estudo de percepção com o objetivo de verificar se o capixaba teria uma identidade linguística definida, e também se os brasileiros conseguem reconhecer capixabas pela fala. Neste artigo, tencionamos apresentar os resultados obtidos por meio de um formulário on-line. Analisamos as respostas de 1432 participantes a respeito das seguintes questões: i) você consegue reconhecer um capixaba?; ii) você acha que o capixaba tem sotaque?; iii) você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?; iv) para você, o que caracteriza o sotaque capixaba? Em geral, os resultados demonstram que o sotaque capixaba é percebido, porém a identificação linguística está muito ligada a expressões típicas e a aspectos prosódicos. Além disso, vários participantes apontaram como característica uma possível mistura de sotaques, principalmente dos estados limítrofes – Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia.

Palavras-chave: Sociolinguística; estudo de percepção; sotaque capixaba.

Abstract: Since the 2000s, we have carried out variationist research with the aim of describing and analyzing the speech of people born and residing in Vitória, capital of Espírito Santo, in the project “Portuguese spoken in the city of Vitória” (PortVix) (cf. YACOVENCO *et al.*, 2012). However, there are still many concerns regarding the identification of identity traits of the capixabas. The question in this scenario is: do you recognize a capixaba by his speech? To answer this question, we carried out a perception study to verify if the capixaba would have a defined linguistic identity, verifying if Brazilians can recognize capixaba by speech. In this article, we intend to present the results obtained through an online form. We analyzed the responses of 1432 participants regarding the following questions: i) Can you recognize a capixaba?; ii) Do you think that people from Espírito Santo have an accent?; iii) Could you give examples of the capixaba accent?; iv) For you, what characterizes the capixaba accent? In general, the results demonstrate that the Espírito Santo accent is perceived, but the linguistic identification is closely linked to typical expressions and prosodic aspects. In addition, several participants pointed out as a characteristic a possible mixture of accents, mainly from the neighboring states – Rio de Janeiro, Minas Gerais and Bahia.

Keywords: Sociolinguistics; perception study; capixaba accent.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de Línguas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: leilatesch@gmail.com.

Considerações iniciais

O Brasil, com sua dimensão continental, é composto por diversos falares os quais, muitas vezes, são associados a localidades a que essas pessoas pertencam. Tais características próprias de uma determinada região podem ser denominadas de sotaques. Os falares de algumas regiões parecem ser mais facilmente reconhecidos e outros não são reconhecidos com tanta facilidade.

É comum na comunidade de fala do estado do Espírito Santo se ouvir o questionamento de o capixaba² ter ou não sotaque. Alguns defendem que sim, geralmente exemplificando com variações lexicais consideradas típicas,

[...] destacando-se o verbo ‘pocar’, com diversos sentidos, como em a) O menino **pocou** o balão de gás; b) Ele se **pocou** de rir da piada contada; c) Ele **pocou** a cabeça no acidente e d) A praia ‘**tá pocando**’. Outra marca seria o termo ‘gastura’, que significa ‘agonia’, ou, ainda, o uso de ‘taruíra’ por ‘lagartixa’. Outra característica é a expressão ‘ir pru rock’, mesmo quando a dança for qualquer outro ritmo ou mesmo significar ‘ir pra balada’. (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 776)

No entanto, a configuração da variedade capixaba ainda não é clara, nem para a comunidade acadêmica, nem para os leigos, nem mesmo para os próprios habitantes do Espírito Santo.

Com o objetivo de buscar entender essa questão, este estudo³ tenciona apresentar os resultados de um teste de percepção, via *google forms*, respondido entre 17 de março e 20 de abril de 2021, por 1472 participantes, que buscou verificar se o capixaba teria uma identidade linguística definida. Dessa forma, objetivamos responder, neste trabalho, a estes quatro questionamentos, por meio da análise das respostas desses participantes: (i) você consegue reconhecer um capixaba?; (ii) você acha que o capixaba tem sotaque?; (iii) você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?; (iv) para você, o que caracteriza o sotaque capixaba?

Nossa principal hipótese é que o capixaba teria uma identidade linguística, porém a sua principal característica é ser identificado por não apresentar muitas marcas linguísticas identitárias na sua fala. Essa hipótese está baseada nos resultados até o momento encontrados

² O termo capixaba se refere às pessoas que nasceram no estado do Espírito Santo. Segundo os estudiosos da língua tupi, capixaba significa roça, roçado, terra limpa para plantação. Os índios que aqui viviam chamavam de capixaba a plantação de milho e mandioca, muito comum na ilha que hoje é a capital do Espírito Santo, Vitória. Com isso, a população de Vitória passou a chamar de capixabas os índios que habitavam na região e depois o nome passou a denominar todos os moradores do Espírito Santo.

³ Este estudo é parte do projeto de Pós-Doutorado denominado *O sotaque capixaba: um estudo de percepção*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual de Campinas, sob a supervisão de Livia Oushiro, entre março de 2020 e fevereiro de 2021.

nas pesquisas desenvolvidas com base no PortVix⁴, em fenômenos fonéticos, morfossintáticos e sintáticos, tendo em vista que, no geral, não encontramos muitas marcas próprias, prevalecendo os traços mais gerais do português brasileiro, o que implica dizer que parece haver uma ausência de marcas dialetais claras, com poucas exceções⁵.

Quase todos os fenômenos analisados apontaram para o alinhamento a outras variedades do português brasileiro. [...] O maior uso do pronome *você* e a quase inexistência do pronome *ocê* por falantes de Vitória parecem ser uma característica da variedade capixaba, revelando ser uma marca identitária, ao se contraporem os resultados aos de outras pesquisas baseadas na fala de Minas Gerais. Do mesmo modo, a ausência de artigos definidos antes de nomes de pessoas e de possessivos também caracteriza a fala capixaba. (YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 802-803)

Os estudos de percepção linguística objetivam observar como certos significados sociais podem se associar a usos linguísticos, tendo em vista que buscam verificar como diferentes formas linguísticas são ouvidas e processadas pelos membros de uma comunidade (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Essa área da Sociolinguística ainda tem sido pouco explorada, mas pode contribuir significativamente para um maior entendimento dos usos linguísticos. Na seção seguinte, contextualizamos os estudos de percepção dentro da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Sociolinguística: Estudos de percepção

A Sociolinguística Variacionista é um modelo teórico que tem por pressuposto a possibilidade de sistematização da heterogeneidade linguística. William Labov foi um dos primeiros a relacionar as variações linguísticas às diferenciações existentes na estrutura social de cada comunidade, formulando a Teoria Variacionista. Labov (1972), em seu trabalho mais conhecido, investigou o inglês de Nova York com a finalidade de descobrir não apenas como os falantes pronunciavam o /r/, mas os fatores que orientavam a ocorrência das variantes.

Para William Labov (1972), a sociolinguística é o estudo da estrutura linguística e sua evolução no contexto social de uma comunidade de fala. O pressuposto básico do estudo da variação – entendida como a coexistência de duas ou mais formas para dizer a mesma coisa, ou seja, com o mesmo significado - é o de que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras. Segundo Chambers (1995), a variação linguística não é

⁴ PortVix (Português Falado na Cidade de Vitória), constituído de entrevistas com 46 informantes capixabas de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e sexos (cf. YACOVENCO, 2002; YACOVENCO *et al.*, 2012).

⁵ Conforme se pode verificar na citação, retirada do artigo *Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena*, com a síntese das treze pesquisas realizadas até o momento da publicação do texto, 2012.

livre, mas obedece a padrões regulares que possuem significação social, revelam a forma como as línguas os refletem e as relações sociais. Os dados podem ser analisados sem ser necessário se recorrer ao axioma da categoricidade.

Dessa forma, o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu objetivo é identificar as motivações, os fatores que controlam a variação e o peso de cada um deles sobre a ocorrência de uma ou outra variante. Nas últimas décadas, muitos estudos variacionistas, em diferentes comunidades de fala, foram desenvolvidos. Em sua maioria, em análises de produção linguística, em amostras da fala espontânea ou semiespontânea dos informantes, como o PortVix. Conforme Freitag *et al.* (2016, p. 65) destacam,

Estudos feitos nessa perspectiva permitem identificar em que contextos surgem novas formas na língua, quais são os fatores estruturais que condicionam a variação, e sugerir direcionais da consciência social do fenômeno com base na distribuição das variantes em função dos fatores sociais controlados na amostra. No entanto, não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer ‘como o brasileiro acha que fala’, seguindo pela perspectiva da sociolinguística da percepção.

O campo das percepções linguísticas, embora bem menos explorado nos estudos variacionistas, é um campo já bem constituído e produtivo. Além disso, pode contribuir significativamente para um maior entendimento dos usos linguísticos.

Ao ouvir uma pessoa, a habilidade de realizar inferências é tantas vezes automática que em geral passa despercebida. Por exemplo, ao ouvir a voz de alguém no ônibus, imediatamente passamos a imaginar o falante como homem ou mulher, jovem ou velho e de qual região seria. Essas inferências, independente de estarem corretas ou não, podem ter relação com o papel dos membros da comunidade de fala e da maneira como se relacionam. Como afirma Oushiro (2015, p. 265),

Determinar quais informações contextuais são recolhidas pelo ouvinte e como se dão tais inferências é o principal desafio metodológico para a modelagem de percepções sociolinguísticas, uma vez que qualquer evento de fala vem acompanhado de uma miríade de variáveis: o conteúdo da mensagem, a qualidade da voz, fatores suprasegmentais, emprego simultâneo de múltiplas variáveis fonéticas, morfológicas, sintáticas, sem contar inúmeros outros fatores situacionais ou sociais que variam de caso a caso.

Conforme demonstrado em diversos estudos (LAMBERT, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2009, 2010; LABOV, 2006, 2008, 2011; OUSHIRO, 2015), há uma associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso. Oushiro (2015), por exemplo, argumenta que “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos

privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de *status* e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Neste estudo, buscamos verificar se a variedade linguística capixaba é reconhecida e quais percepções são apontadas para descrevê-la.

Um pouco da história do Espírito Santo

Antes de iniciarmos a descrição do estudo e dos resultados do teste de percepção do sotaque capixaba, vale destacarmos, brevemente, algumas características deste estado e alguns fatos históricos.

O estado do Espírito Santo está localizado na região sudeste do Brasil, e a capital é Vitória. Quem nasce no Espírito Santo é considerado capixaba ou espíritossantense. A população é de aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O Espírito Santo tem 78 municípios que compartilham um território de 46.096.925 quilômetros quadrados.

A economia do estado é baseada, principalmente, na agricultura e indústria. Parte significativa do rendimento também está na extração mineral das reservas de petróleo, de gás natural e de calcário. Os produtos de maior destaque são café, arroz, milho, feijão, abacaxi, cacau, mandioca e mamão. Na criação de animais, destacam-se bois, suínos e aves.

Em relação à história do estado, ressalta-se que foi uma das capitânicas hereditárias fundada pelos portugueses no início da colonização do Brasil. Em 23 de maio de 1535, Vasco Fernandes Coutinho chega ao Espírito Santo e funda a sede da capitania em Vila Velha. Segundo Gonçalves (2000), a colonização não foi tarefa fácil. A capitania do Espírito Santo não teve um desenvolvimento rápido, nem de sucesso, fato também ocorrido em várias outras capitânicas. Algumas das principais razões apontadas foram a resistência indígena à colonização portuguesa e a parca disponibilidade financeira do donatário, Vasco Fernandes Coutinho. Inicialmente, a região foi habitada por diversas tribos indígenas, pertencentes ao tronco Tupi, em geral considerados hostis. Na tarefa de catequizar os índios da região, destacou-se a figura de José de Anchieta que fundou a cidade de Anchieta e escolheu viver no Espírito Santo até o fim de sua vida.

Outro fator que contribuiu para que o Espírito Santo se mantivesse por muito tempo como uma capitania essencialmente litorânea foi a mineração em Minas Gerais, e o estado foi usado como uma barreira verde para dificultar o acesso às minas.

Foi em 1810 que o estado adquiriu autonomia e apenas na segunda metade do século XIX, com a expansão cafeeira, garantiu um povoamento. A partir da chegada dos imigrantes, o

Espírito Santo ganhou nova configuração geográfica. As barreiras naturais apresentadas, principalmente pela Mata Atlântica, foram rompidas e o interior, sobretudo o norte do Estado, até então intocado, conseguiu habitantes. O Espírito Santo recebeu imigrantes de diversas partes da Europa, principalmente da Itália e da Alemanha que, junto com os portugueses, africanos e indígenas, aqui residentes, deram os traços principais da cultura capixaba.

Diante desse cenário, percebe-se que o Espírito Santo é resultado de uma mistura, um encontro de raças, que proporcionou uma história rica em tradições e costumes. A herança indígena, africana e europeia está presente nas músicas, nas danças, na culinária, na arquitetura, e também nos usos linguísticos dos capixabas e acreditamos que essa configuração etnográfica do Espírito Santo pode ter contribuído para que o espiritossantense tenha uma variedade menos marcada, menos perceptível.

Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa sobre a percepção linguística do sotaque capixaba contou com as seguintes etapas: elaboração de formulários on-line via *google forms*, aplicação desses questionários, coleta dos dados e quantificação e análise dos resultados. Para efeito deste estudo, consideramos as respostas de participantes maiores de 18 anos de idade, brasileiros, do sexo masculino e feminino e de diversos níveis de escolaridade. Vale destacar que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas e foi aprovada sob CAAE nº 38296720.1.0000.8142.

Devido ao fato de estarmos vivenciando um período de isolamento social, desde março de 2020, ocasionado pelo alto risco de contágio do coronavírus, optamos pela aplicação de um questionário on-line, tendo em vista que a aplicação do formulário ocorreu durante esse período. Outra motivação por essa opção se deve à possibilidade de aplicação a mais pessoas, tendo em vista que foi feita a divulgação do link de acesso pelas redes sociais da pesquisadora e por outras pessoas de diversos estados brasileiros que se prontificaram a ajudar nessa divulgação.

O questionário, intitulado *Sotaques do Brasil*, é composto por cinco seções: (i) apresentação da pesquisa e acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁶; (ii) perguntas sobre informações pessoais⁷ e perfil sociodemográfico (onde nasceu, onde mora, idade, gênero e escolaridade); (iii) questões ligadas ao reconhecimento de sotaques brasileiros;

⁶ Para continuar participando da pesquisa, foi obrigatório clicar no campo “Sim, aceito participar”.

⁷ Com a ressalva de que a identificação não seria divulgada e a pessoa não seria questionada, em nenhum momento do questionário, sobre o nome pessoal ou outra forma de identificação.

(iv) perguntas ligadas à avaliação de sotaques das capitais da região sudeste do Brasil; e (v) questões específicas sobre o sotaque capixaba.

Neste artigo, descrevemos e analisamos as questões referentes à quinta seção do formulário, explorando, especificamente, as seguintes perguntas: (i) você consegue reconhecer um capixaba?; (ii) você acha que o capixaba tem sotaque?; (iii) você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?; (iv) para você, o que caracteriza o sotaque capixaba?

O questionário foi divulgado nas redes sociais da pesquisadora via WhatsApp, Telegram, Instagram, Facebook e e-mail. Também contamos com a divulgação realizada por amigos e por amigos de amigos, nessas mesmas redes sociais, de 17 de março a 20 de abril de 2021⁸.

Foram preenchidos 1472 instrumentos, dos quais 06 participantes se recusaram a participar e 34 foram eliminados pelo critério idade, por serem menores de 18 anos. Os 1432 questionários válidos e analisados foram respondidos por brasileiros de 18 a 76 anos (com idade média de 33 anos), sendo 1003 do sexo feminino (70% dos respondentes), 418 do sexo masculino (29%) e 11 participantes preferiram não dizer ou assinalaram a opção outro (menos de 1%). Em relação ao grau de escolaridade, em sua maioria, possuem pós-graduação, 652, ou graduação, 641, e poucos do ensino médio, 136, e apenas 3 do ensino fundamental. Por meio dessa descrição dos aspectos sociais dos participantes, podemos verificar que a amostra se constitui predominantemente de pessoas do sexo feminino, de jovens e com Ensino Superior (tanto da graduação quanto da Pós-Graduação). Esse perfil dos participantes deve ser considerado para a análise dos resultados aqui apontados e discutidos.

É importante ressaltar que controlamos também a cidade e o estado em que os participantes nasceram e onde moram atualmente. Devido à diversidade de cidades, descreveremos apenas os estados em que cada um deles nasceu, a saber: Acre, 2 participantes; Alagoas, 3; Amapá, 3; Amazonas, 3; Bahia, 71; Ceará, 46; Distrito Federal, 6; Espírito Santo, 743; Goiás, 14; Maranhão, 6; Mato Grosso, 1; Mato Grosso do Sul, 4; Minas Gerais, 165; Pará, 11; Paraíba, 4; Paraná, 19; Pernambuco, 13; Piauí, 1; Rio de Janeiro, 115; Rio Grande do Norte,

⁸ Vale destacar que contamos com o apoio do programa *Em Movimento*, da Rede Gazeta, vinculada à Rede Globo, e da apresentadora Luana Esteves, com a divulgação do link do formulário em suas redes sociais. Esse apoio ocorreu devido ao fato de o programa me procurar para realizar uma participação para abordar a questão do sotaque capixaba, coincidentemente, no período em que estava com o questionário aberto. No momento em que eles entraram em contato, comentei sobre a minha pesquisa e eles se prontificaram a me ajudar na divulgação e, ao concluir o período para responder ao formulário, participei do programa conversando sobre as características da variedade capixaba e abordei de forma sucinta alguns dos resultados encontrados (disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9460542/>). Também é interessante pontuar que a ideia de realizar um estudo de percepção sobre o sotaque capixaba surgiu a partir de outra participação minha neste programa, um ano antes de definir o tema do meu Pós-Doutorado (Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7150580/>).

5; Rio Grande do Sul, 55; Rondônia, 4; Santa Catarina, 15; Sergipe, 1 e São Paulo, 122. Podemos perceber que a maior parte dos participantes nasceram no Espírito Santo, mais especificamente, em torno de 52% dos participantes. Destacamos ainda a participação de praticamente todos os estados brasileiros, exceto de Roraima e Tocantins.

Em relação aos estados em que os participantes moram atualmente, novamente a maioria dos participantes da pesquisa são moradores do estado do Espírito Santo (62% dos respondentes). Além disso, não tivemos a participação de moradores de apenas três estados brasileiros - Acre, Sergipe e Tocantins. A distribuição por estados foi: Alagoas, 1 participante; Amapá, 1; Amazonas, 3; Bahia, 54; Ceará, 42; Distrito Federal, 5; Espírito Santo, 892; Goiás, 16; Maranhão, 6; Mato Grosso, 1; Mato Grosso do Sul, 2; Minas Gerais, 93; Pará, 8; Paraíba, 2; Paraná, 21; Pernambuco, 5; Piauí, 1; Rio de Janeiro, 55; Rio Grande do Norte, 5; Rio Grande do Sul, 53; Rondônia, 1; Roraima, 2; Santa Catarina, 22 e São Paulo, 118. Para nossa surpresa, tivemos a participação de brasileiros que atualmente moram em outros países, a saber: 7 em Portugal; 4 nos Estados Unidos; 3 no Peru; 2 no Reino Unido; 2 na Holanda; 1 na Turquia; 1 na França; 1 no Canadá; 1 na Espanha e 1 na República Tcheca.

Essa diversidade de localizações é bastante interessante para a pesquisa, uma vez que possibilita verificar se os capixabas percebem a sua identidade linguística e também se brasileiros de outras regiões percebem essa identidade, ou seja, um falar típico do Espírito Santo.

Com o objetivo de verificar a percepção à questão - O capixaba tem ou não tem sotaque? -, apresentamos a seguir as 1432 respostas às perguntas ligadas a esse tema. Conforme mencionado anteriormente, analisamos neste texto apenas a última seção do questionário, intitulada *Você acha que capixaba tem sotaque?* que objetiva, especificamente, verificar questões referentes ao sotaque capixaba. Porém, no questionário, antes de iniciarmos as perguntas ligadas aos capixabas, na seção 5, foi apresentado o seguinte comentário (quadro 1) aos respondentes, com o objetivo de explicar o termo capixaba:

Quadro 1 - Descrição da seção 5 do questionário *Sotaques do Brasil*

<p style="text-align: center;">Você acha que capixaba tem sotaque?</p> <p>Quem são os capixabas? O termo capixaba se refere às pessoas que nasceram no estado do Espírito Santo. Agora, queremos saber se você conhece o capixaba e a sua opinião a respeito do sotaque das pessoas do Espírito Santo.</p>

Fonte: Elaboração própria (2022).

Você acha que capixaba tem sotaque? Estudo de percepções

Analisamos, nesta seção, as 1432 respostas obtidas por meio do preenchimento do formulário *Sotaques do Brasil*, relacionadas diretamente à percepção do sotaque capixaba, como mencionado nos procedimentos metodológicos, na seção 5 do questionário, intitulada *Você acha que capixaba tem sotaque?*. Dessa forma, apresentamos e descrevemos as respostas às seguintes perguntas: (i) você consegue reconhecer um capixaba?; (ii) você acha que o capixaba tem sotaque?; (iii) você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?; (iv) para você, o que caracteriza o sotaque capixaba? Seguem as repostas a essas perguntas.

Você consegue reconhecer um capixaba?

Nesta questão, os participantes da pesquisa poderiam responder *sim*, *não* e *não sei* a essa questão, em relação ao comportamento, ao modo de falar e ao modo de se vestir do capixaba. Vale mencionar que essa questão foi proposta no questionário para verificar até que ponto o modo de falar do capixaba seria selecionado como uma forma de se identificar quem é do Espírito Santo. Nessa pergunta, os respondentes eram obrigados a selecionar uma das três opções – *sim*, *não* e *não sei* (nessa ordem) – a cada um desses critérios – comportamento, modo de falar e modo de se vestir.

Os resultados descritos na tabela 1 evidenciam que a afirmação de identificação pelo modo de falar foi a opção mais selecionada (dos 1432 participantes, 652 responderam *sim*, ou seja, 45,6%). Assim, percebemos a importância da identidade linguística para o reconhecimento do capixaba. Em relação às demais formas de se identificar um capixaba – comportamento e modo de se vestir –, podemos verificar que a maior parte dos respondentes assinalaram a opção *não*.

Tabela 1 - Frequência e proporção das 1432 respostas à questão *Você consegue reconhecer um capixaba?* do formulário *Sotaques do Brasil*.

		Sim	Não	Não sei
Comportamento	N	510	516	406
	%	35,6%	36%	28,4%
Modo de falar	N	652	426	354
	%	45,6%	29,7%	24,7%
Modo de se vestir	N	159	836	437
	%	11,1%	58,4%	30,5%

Fonte: Elaboração própria (2022).

A maior seleção da identificação do capixaba por meio do modo de falar à pergunta *Você consegue reconhecer um capixaba* pode evidenciar que, independente da região dos participantes, o modo de falar é uma das características mais evidentes para a identificação das pessoas em relação à construção da sua identidade. A partir da percepção do sotaque, um falante pode ser indexado por outro a uma determinada região ou origem geográfica.

Segundo Chambers (1995, p. 137), ao discutir os significados sociais em relação aos usos linguísticos, a origem regional do falante apresenta um importante significado social que não é controlado pelo próprio falante. Para a autora, todo o trabalho desenvolvido na Sociolinguística está, por definição, preocupado com a forma como o comportamento linguístico se relaciona com outros aspectos do comportamento social, pois a variação linguística não apenas reflete as diferenças sociais, mas também é usada pelos falantes para se posicionarem no mundo social e, por meio de tal posicionamento, construir e reconstruir esse mundo. Assim, podemos verificar que os comportamentos linguísticos e outras estruturas sociais se correlacionam, porque os falantes/ouvintes se conectam mentalmente, consciente ou inconscientemente. O significado social, então, é o conteúdo social ligado nas mentes de um determinado falante/ouvinte a um determinado comportamento linguístico.

Você acha que o capixaba tem sotaque?

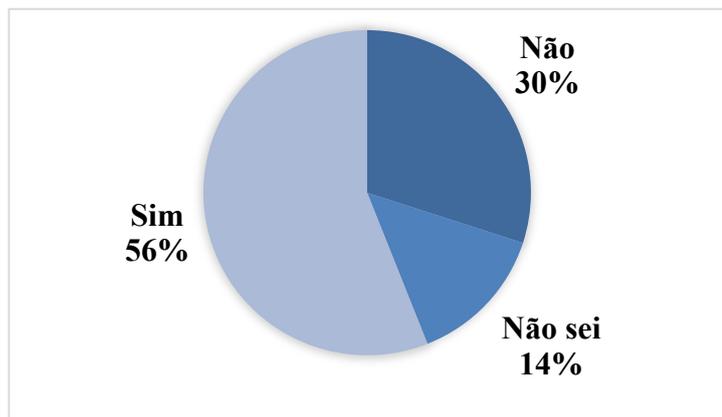
Conforme mencionado, a grande pergunta deste estudo está diretamente ligada ao questionamento: *Afinal, capixaba tem ou não tem sotaque?* Ao fazermos a pergunta *Você acha que capixaba tem sotaque*, verificamos que a maior parte dos respondentes assinalou a opção *sim* – os resultados estão descritos na tabela 2 e no gráfico 1.

Tabela 2 - Frequência e proporção das 1432 respostas à questão *Você acha que o capixaba tem sotaque?* do formulário *Sotaques do Brasil*.

	Frequência	Proporção
Sim	798	56%
Não	430	30%
Não sei	204	14%

Fonte: Elaboração própria (2002).

Gráfico 1 - Distribuição das 1432 respostas à questão *Você acha que o capixaba tem sotaque?* do formulário Sotaques do Brasil.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Esse resultado demonstra que boa parte dos participantes respondeu que o capixaba tem sotaque. No entanto, 30% responderam que não, evidenciando que um grupo considerável não percebe a variedade capixaba como uma marca identitária. Essa postura também é evidenciada em diversas discussões entre os próprios capixabas e em diversas postagens nas redes sociais. Para exemplificar, segue uma publicação do perfil do instagram Espírito Santo em Depressão (@espíritosantoemdepressao) que já abordou o tema múltiplas vezes. Nessa imagem (figura 1), percebemos a divergência de opiniões sobre o capixaba ter ou não sotaque e a tentativa de silenciar aquele que tenta afirmar que teria sim sotaque.

Figura 1 - Imagem de publicação no *instagram* que ilustra a divergência de opiniões e a suposta relutância dos capixabas em reconhecer que possuem sotaque.



Fonte: Publicação no perfil do *instagram* @espíritosantoemdepressao.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWJ8lPgsxkd>. Acesso em: 06 jun. 2022.

Vale destacar que as próximas questões só foram respondidas pelos participantes que assinalaram a opção *sim*, pois somente teriam como responder às questões *Você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?* e *Para você, o que caracteriza o sotaque capixaba* os participantes que reconheceram que o capixaba tem sotaque. Os participantes que responderam “não” e “não sei” foram encaminhados para o término do questionário e receberam a mensagem de agradecimento pela participação na pesquisa.

Você poderia dar exemplos do sotaque capixaba?

Essa foi a única pergunta do questionário aberta para que os participantes pudessem digitar as suas impressões e apontar diretamente os exemplos do sotaque capixaba. Dos 798 respondentes⁹, 581 apontaram características que consideram típicas do falar capixaba.

Diante da diversidade de exemplos apresentados e com o objetivo de organizar esses dados, optamos por padronizar, de alguma forma, essas respostas. Por exemplo, rotulamos como *expressões típicas* as respostas que explicitaram marcas lexicais, gírias e expressões capixabas. Como *ditongação*, casos em que as pessoas descreviam exemplos desse fenômeno, como em “A adição de ‘i’ antes de palavras que terminam com ‘s’ ou ‘z’, por exemplo, ‘arroiz”” ou “Há também o hábito de colocar i onde não tem, como arroiz”.

Depois de organizadas, essas palavras e expressões foram analisadas via nuvem de palavras¹⁰ que consiste em uma representação visual de dados de texto, normalmente usada para descrever dados. Essa nuvem de palavras mostra palavras e expressões citadas pelos respondentes nas respostas abertas. Assim, a imagem gerada é composta por palavras e expressões citadas na qual o tamanho indica sua frequência (quanto maior a palavra mais frequente o seu uso e quanto menor, menos frequente).

⁹ Vale recordar que somente responderam a esta pergunta os participantes que responderam *sim* à questão *Você acha que capixaba tem sotaque?*

¹⁰ Recurso disponível no site www.wordclouds

Também foram apontados alguns traços fonéticos/fonológicos como ter uma pronúncia específica do /S/. Em relação a esse traço, vale destacar que muitas dessas respostas destacavam a diferença dessa pronúncia entre capixabas e cariocas. E também com bastante frequência foi apontado o fenômeno da ditongação que consiste no acréscimo de uma semivogal a uma sílaba, principalmente seguida de s ou z, como em “arroiz”.

Por outro lado, também encontramos como respostas questões interessantes a respeito de considerar a fala capixaba como de difícil classificação. Seguem alguns desses apontamentos para exemplificar:

- (1) Como a identidade ainda do povo capixaba está em formação devido a diversos fatores históricos e culturais muitas formas dialetais ainda estão sendo solidificadas.
- (2) Não acredito numa ‘neutralidade’ de sotaque; acredito que o capixaba tem sotaque porque sotaque é um conjunto de marcas na hora de falar, e cada região tem sua forma de falar. Então, se o capixaba tem uma fala sem marcas muito típicas, não deixa de ser a nossa forma de falar (logo, nosso sotaque). Não existe uma neutralidade, um não-sotaque, porque isso significaria dizer que existe uma forma ‘padrão’ e que as outras são diferentes desta.
- (3) Tem uma questão de cadência que é difícil descrever.

O levantamento dos fenômenos linguísticos que indexam identidades regionais, segundo a apreciação desses respondentes, visa a contribuir para as discussões a respeito da variedade linguística capixaba em termos de regionalismos. Consideramos que esse controle possibilitou verificar uma representação linguística fortemente relacionada ao falar do capixaba.

Para você, o que caracteriza o sotaque capixaba?

Nesta questão, apresentamos aos participantes algumas opções a serem assinaladas. Cada participante poderia assinalar um ou mais campos. Vale destacar que as opções que apresentamos nessa pergunta foram elaboradas a partir das respostas obtidas por outra pesquisa realizada por meio de entrevistas¹¹ a 20 pessoas que nasceram e cresceram em diversos estados do Brasil, mas que atualmente moram no estado do Espírito Santo. Nessas entrevistas, os participantes foram questionados: *Quando você ouve uma pessoa falando, você percebe que ela é capixaba? O que te chama a atenção para dizer que ela é capixaba?*

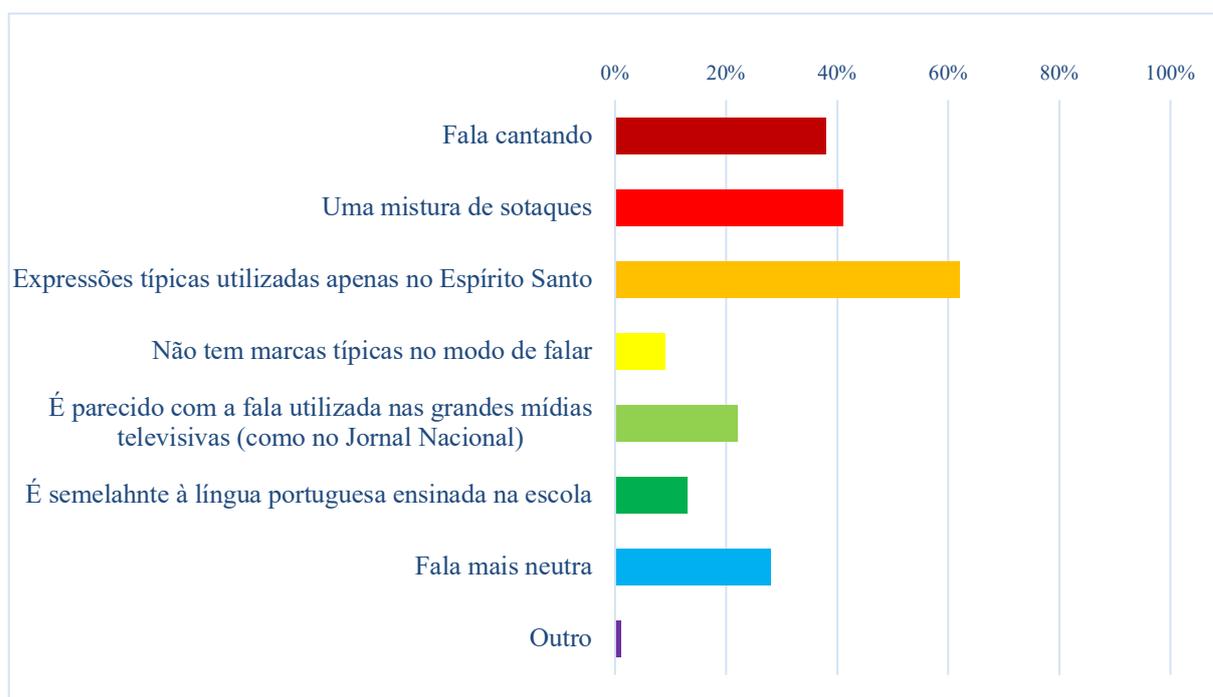
¹¹ Os resultados dessa pesquisa ainda não foram publicados, pois ainda estão sob investigação.

Tabela 3 - Frequência e proporção das 798 respostas à questão *Para você, o que caracteriza o sotaque capixaba?* do formulário Sotaques do Brasil.

	Frequência
Fala cantando	304
Uma mistura de sotaques	337
Expressões típicas utilizadas apenas no ES	503
Não tem marcas típicas no modo de falar	71
É parecido com a fala utilizada nas grandes mídias televisivas (Jornal Nacional)	179
É semelhante à língua portuguesa ensinada na escola	109
Fala mais neutra	228
Outros	79

Fonte: Elaboração própria (2022).

Gráfico 2 - Distribuição das 798 respostas à questão *Para você, o que caracteriza o sotaque capixaba?* do formulário Sotaques do Brasil.



Fonte: Elaboração própria (2022).

Os resultados descritos na tabela 3 e no gráfico 2 sugerem que a característica mais marcante da fala capixaba se refere ao uso de expressões típicas. É interessante relacionar esse resultado ao descrito na figura 2, nuvem de palavras, em que o uso de expressões típicas também foi apontado como uma das principais características do falar capixaba pelos participantes, quando convidados a apontar um exemplo do sotaque espiritosantense. Ainda comparando os

resultados da tabela 3 e do gráfico 2 à figura 2, percebemos que as demais formas mais selecionadas – fala cantando e mistura de sotaques – também são fortemente mencionadas.

Considerações finais

Retomando o questionamento sobre capixaba ter ou não ter sotaque, o teste de percepção descrito e analisado neste texto evidencia que a variedade capixaba é uma marca identitária dos espiritosantenses.

No entanto, os resultados evidenciam que as características mais relacionadas à fala capixaba se referem a expressões típicas, com forte destaque para o termo “pocar”.

Conforme mencionamos no início deste texto, os resultados alcançados ao longo de 20 anos de atuação do PortVix contribuíram para a realização desta pesquisa de percepção e os resultados encontrados até o momento em estudos de produção realizados nesse *corpus* convergem com os aqui encontrados, uma vez que a variedade capixaba parece não ter marcas fonológicas, morfológicas, sintáticas e discursivas muito evidentes, por isso sendo muitas vezes caracterizada como um sotaque menos marcado, ou como uma fala mais neutra.

A Sociolinguística da produção e da percepção são diferentes, uma vez que nem sempre os fenômenos variáveis mais frequentes são os mais percebidos pelos falantes. No entanto, levando em consideração as questões aqui descritas e analisadas, podemos constatar a importância dessas duas frentes de trabalho para um maior entendimento das variedades regionais.

Referências

CHAMBERS, F. K. **Sociolinguistic Theory**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282f.

CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, vol. 21, p. 135-156, 2009.

CAMPBELL-KIBLER, K. The effect of speaker information on Attitudes toward (ing). **Jornal of language and social psychology** [s.l.], v. 29, n. 2, p. 241-223, 2010.

FREITAG, R. M. Ko., SEVERO, C. G., ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras**, vol. 18(2), p. 64–84, 2016.

GONÇALVES, F. de C. A colonização no Espírito Santo entre 1535 e 1700 e a contribuição dos diversos segmentos populacionais na formação socioeconômico-cultural. **Dimensões**, Vitória, n.11, p. 53-61, 2000.

LABOV, W. Some principles of linguistic methodology. **Language in Society**, vol. 1(1), p. 97-120, 1972.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W.; ASH, S.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E.; GILES, H.; GARDNER, R. G.; FILLERBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, [s.l.], v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2015.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO, L. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. P.; YACOVENCO, L. (orgs.) **Caminhos em lingüística**. Vitória: Nuples, 2002, p. 102-111.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; BRAGANÇA, M. L. L.; EVANGELISTA, E. M.; MENDONÇA, A. K. de; CALMON, E. N.; CAMPOS JÚNIOR, H. da S.; BARBOSA, A. F.; BASÍLIO, J. O. S.; DEOCLÉCIO, C. E.; SILVA, J. B. da; BERBERT, A. F.; BENFICA, S. de A. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

Sobre a autora

Leila Maria Tesch (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3919-1230>)

Professora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo. Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes (2013-2015) e estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unicamp (2020). Foi coordenadora do Pibid Letras Português da Ufes, de 2015 a 2020. É uma das coordenadoras do Projeto

Português Falado na cidade de Vitória (PortVix), atuando na área de Sociolinguística, em estudos de produção e percepção.

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.